

14/05/2018 - 05:00

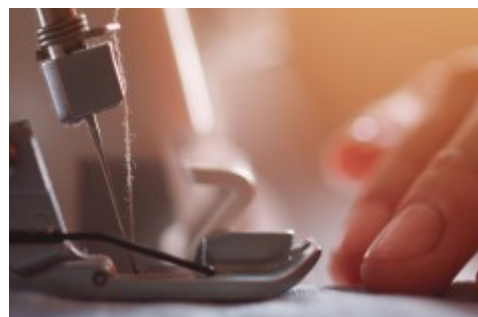
## Produção domiciliar e a recuperação econômica

---

Por **João Ricardo Filho**

---

No dia 18 de abril o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou os resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, no que tange as atividades realizadas dentro do domicílio e o trabalho voluntário. Tanto os dados agregados, quanto as quebras por sexo, idade, nível de instrução, região e outros cortes apontam para um aumento da atividade no domicílio em 2017, frente ao ano de 2016.



Parece-me um resultado natural e esperado, afinal, mesmo que o ano de 2016 represente o fim da depressão econômica iniciada no segundo trimestre de 2014 de acordo com o Codace (Comitê de Datação dos Ciclos Econômicos; o termo "depressão" fica por minha conta), a deterioração do mercado de trabalho e a recuperação (ainda) lenta fizeram com que as pessoas trocassem o consumo de bens produzidos "no mercado" por aqueles feitos em casa.

No que o IBGE chamou de 'produção para consumo próprio', temos, por exemplo, o movimento das pessoas que decidiram realizar atividades de construção, como as pequenas reformas, ao invés de contratar (no mercado) esse tipo de serviço. A pesquisa identificou que houve aumento por volta de um ponto percentual (tanto para homens, quanto para mulheres) na taxa de realização dessas atividades, sendo que nas regiões Sul e Centro-Oeste, o aumento foi de 1,6 e 1,4 ponto percentual, respectivamente. A média de horas dedicadas à essa atividade diminuiu marginalmente, contudo.

Quando analisamos a taxa de realização de cuidados de moradores, o crescimento foi mais expressivo. Em média, há aumento de 4,6 pontos percentuais (o percentual de pessoas com idade acima de 14 anos que se dedicam à essa atividade saiu de 26,9% em 2016 para 31,5%, em 2017). Nos afazeres domésticos (refeições em casa, por exemplo), a taxa saiu de 81,3% para 84,4%.

O que esses números significam para os próximos meses? No que pese os efeitos negativos (sociais e econômicos) da discriminação que existe nesse tipo de atividade entre homens e mulheres (os homens contribuem, em média, com 10,8 horas semanais nessas atividades, ao passo que as mulheres dedicam 20,9 horas), existe uma notícia positiva. Há aí um canal da política monetária a ser explorado.

O Banco Central tem cortado a taxa de juros para estimular a economia e atingir a sua meta de inflação. Esse estímulo fará com que os gastos agregados se recomponham, aumentando a produção e, eventualmente, o emprego. Em um trabalho para discussão publicado em 2012 pelo FMI, Constant Ngouana nos apresenta à ideia de que a potência da política monetária é maior quando há a possibilidade de substituir a produção no mercado pela domiciliar.

***Atingir a meta de inflação partindo de uma economia mais fraca só ocorrerá com políticas expansionistas***

Ao poder realizar a troca, o primeiro ajuste macroeconômico de uma recessão é na quantidade (deixo de comer no restaurante, faço refeições em casa). Os preços demoram mais a responder. Quando os juros caem, estimulando consumo e investimento, um dos canais de transmissão desse movimento para a economia real se dá justamente pela volta ao mercado daqueles que o deixaram durante a recessão. Aumenta-se, portanto, a quantidade. O que, em termos macroeconômicos, significa aumento no PIB.

Os dados da Pnad Contínua mostram que essa troca (deixar o mercado para produzir no domicílio) já foi feita em 2017, o que possibilita o movimento inverso em 2018 e 2019. Além disso, Dasha Safonova abordou em seu artigo publicado no ano de 2017 no "The Quarterly Review of Economics and Finance" que, quando os salários são maiores, o custo de oportunidade (tudo aquilo de que temos que abrir mão para obter algo, e que não envolve apenas desembolso financeiro) do trabalho domiciliar aumenta. E isso faz toda diferença na dinâmica de curto prazo da economia.

Podemos observar nos dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, o Caged, que desde 1996 (início da série), os novos contratados recebem um salário menor do que quem foi demitido. Com o aumento nas demissões e as poucas oportunidades de trabalho oferecendo salários menores, a depressão econômica deu um incentivo adicional para procurar as soluções domiciliares.

A recuperação econômica, mesmo que lenta, impulsionará os agentes no movimento inverso. Conforme formos utilizando a capacidade produtiva, que ainda se encontra com certa ociosidade, mais fatores de produção devem ser recrutados, dentre eles, o trabalho. Ao longo do tempo, a melhora no mercado de trabalho resultará em salários maiores, elevando o custo de oportunidade da produção domiciliar, impulsionando a volta dos agentes ao consumo "no mercado".

Assim, um dos canais de transmissão da política monetária que não pode ser esquecido é o da produção domiciliar. Embora o objetivo do Banco Central seja, do ponto de vista da política monetária, a estabilidade de preços, atingir a meta de inflação partindo de uma economia mais fraca só ocorrerá com políticas expansionistas. Adicionalmente, os cortes nas alíquotas de depósitos compulsórios e a agenda de maior eficiência do mercado de crédito, que passa por criar as condições para que as taxas de juros caiam sustentavelmente, podem ter seus efeitos de curto prazo potencializados em função da volta ao mercado daqueles que, às vezes por falta de opção no passado, dedicaram-se à produção domiciliar.

Obviamente, o cenário macroeconômico no Brasil encontra-se nebuloso em função da dificuldade que a economia tem de se recuperar, especialmente em meio à imbróglia política e indefinições quanto às eleições deste ano, fora a alteração no ambiente externo que até o momento tem sido extremamente benigno para a economia doméstica. De qualquer forma, dá certo alento que uma boa notícia possa ser extraída da pesquisa do IBGE.

**João Ricardo Costa Filho é professor de Macroeconomia do Ibmecc/SP.**